

PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS PRÉ-COLONIAS NO MUNICÍPIO DE ALEGRETE NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

INVESTIGACIÓN ARQUEOLÓGICA PRECOLONIA EN EL MUNICIPIO DE ALEGRETE NO ESTADO DE RIO GRANDE DO SUL

Recebido em: 10/11/2022

Aceito em: 18/01/2023

Tais Vargas Lima ¹ 

Universidade da Região da Campanha

Resumo: Este artigo versa sobre a arqueologia pré-colonial da região oeste da região campanha, especificamente sobre os remanescentes arqueológicos do município de Alegrete. São apresentados aspectos gerais da arqueologia enquanto ciência o seu fazer e como fazer, como também seus propósitos. As tradições arqueológicas definidas pelo PRONAPA, como a Tradição Umbu é compreendida neste texto para as ‘indústrias líticas’ das coleções pesquisadas pelo Núcleo de Ensino e Pesquisas Arqueológicas – NEPA do Museu de Arqueologia e Artes: Dr. José Pinto Bicca de Medeiros – MAARA. Em áreas arenizadas na região foram encontradas milhares de materiais líticos lascados, bem como artefatos como boleadeiras, pontas de projéteis, núcleos e alguns fragmentos de cerâmica o que indica além do potencial arqueológico as inúmeras possibilidades de estudo. Por fim, é apresentada a relação de uma listagem de todos os registros de sítios arqueológicos encontrados na região até o momento.

Palavras-chave: Arqueologia; Alegrete; Pré-colonial; Rio Grande do Sul.

Resumen: Este artículo trata sobre la arqueología precolonial de la región occidental de la región de campana, específicamente sobre los restos arqueológicos del municipio de Alegrete. Se presentan aspectos generales de la arqueología como ciencia, su hacer y cómo hacerlo, así como sus propósitos. Las tradiciones arqueológicas definidas por PRONAPA, como la Tradición Umbu, se entienden en este texto por las 'industrias líticas' de las colecciones investigadas por el Núcleo de Ensino e Pesquisas Arqueológicas - NEPA del Museo de Arqueología y Artes: Dr. José Pinto Bicca de Medeiros – MAARA. En arenas de la región fueron encontrados miles de materiales líticos astillados, así como artefactos como boleadeiras, puntas de proyectiles, núcleos y algunos fragmentos cerámicos, lo que indica, además del potencial arqueológico, las innumerables posibilidades de estudio. Finalmente, se presenta una lista de todos los registros de sitios arqueológicos encontrados en la región hasta el momento.

Palabras-chaves: Arqueología; Alegrete; Precolonial; Río Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

O processo histórico que se iniciou pela conquista e posterior ocupação ibérica do Cone Sul, conforme o Programa de Pesquisas Interdisciplinares da região Platina Oriental – PROPRATA que tem como coordenador o Prof. Dr. Arno Alvarez Kern faz a seguinte argumentação no tópico sobre as “Culturas Platinas de Ontem e Hoje

¹ Pós Doutora em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (2008) e Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2009); docente e Pesquisadora da Universidade da Região da Campanha – Campus Universitário de Alegrete/RS; responsável pelo Museu de Arqueologia e Artes: Dr. José Pinto Bicca de Medeiros – MAARA e Coordenadora do Núcleo de Ensino e Pesquisas Arqueológicas – NEPA. E-mail: tais.arqueologia@hotmail.com

(06/09/2010) – muito antes das primeiras velas europeias despontarem no horizonte do Atlântico – esta imensa área já possuía uma história de longa duração de dez mil anos, na qual as sociedades indígenas desenvolveram profundas diferenças étnicas e culturais, desenvolvendo adaptações específicas em cada um destes ambientes e coexistindo lado a lado. Tanto a sociedade europeia como a indígena eram curiosas sínteses culturais de tradição e inovação e de séculos de contatos entre diversos povos. As sociedades indígenas mantinham inúmeros padrões sócio-culturais antigos, tradições muito arraigadas de épocas em que predominavam os caçadores-coletores-pescadores, com seus artefatos de pedra lascada e osso. Entretanto, muitas sociedades já haviam acrescentado a esta herança as inovações modernizadoras oriundas do processo de neolitização, dentre as quais a vida em aldeias, a cerâmica, a pedra polida, e a domesticação de plantas e animais. Portugueses e espanhóis herdaram muito dos padrões culturais indígenas, ao mesmo tempo em que iam impondo os seus costumes europeus.

Os indígenas ocultaram dos europeus muitos de seus traços culturais, principalmente os relacionados com os ritos e os mitos, enquanto exigiam dos brancos exemplares de sua tecnologia avançada, tais como as lâminas de machado de ferro. É necessário levar em conta a complexidade social e cultural destes diversos tipos de contatos que se estabeleceram entre estes grupos, de origens diversas. Muitos indígenas tiveram que aceitar de maneira autoritária os padrões de comportamento dos europeus. Por outro lado, algumas das inovações técnicas trazidas da Europa pelos luso-espanhóis eram desejadas e exigidas por eles, como é o caso das armas de fogo e dos instrumentos em ferro. Apesar da exploração mercantilista e do combate ao paganismo indígena, a sociedade ibérica não deixou de agregar, também, inúmeros padrões culturais dos nativos, como se evidencia ainda hoje na maioria dos países americanos”.

Dessa forma, as pesquisas que se realizaram no município de Alegrete pelo Núcleo de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade da Região da Campanha – URCAMP apresentam dados da cultura material destas populações que habitaram a região da campanha em períodos que recuam a dez mil anos. É através destas evidências que se pode, pela arqueologia, encontrar ainda que de uma forma indireta, as pessoas que criaram, ou se desenvolveram e experimentaram habitats naturais e

comportamentos sociais os mais diferentes possíveis em restos materiais onde são encontrados.

Neste processo de ‘longa duração’, os profissionais arqueólogos, paulatinamente vem encontrado e pesquisando mais e mais indícios destas ocupações pretéritas das populações humanas pré-coloniais e o futuro nos reserva uma compreensão muito maior, consciente e liberta de preconceitos e etnocentrismos.

A CIÊNCIA ARQUEOLÓGICA: ASPECTOS GERAIS

Estudar e pesquisar a arqueologia é, para muitas pessoas, um retorno a um mundo de aventuras, magias, bem como de tesouros com valores monetários inestimáveis. Mas, quando há uma proximidade com as atividades e pesquisas arqueológicas, compreende-se e até mesmo sente-se, que há sim uma correlação com as expectativas imaginadas, mas também, e muito importante, a realidade dessa práxis exige muita coerência, objetividade, paciência e o desenvolvimento de um ‘olhar’ mais apurado e crítico.

O fazer da arqueologia é um envolvimento que transcende o viver presente, é estar em um outro lugar, ouvir outras línguas, sentir outros cheiros, ser até mesmo cúmplice de comportamentos sociais ou culturais que, muitas vezes, perderam-se no tempo. Tempo esse da atualidade, ou seja, o tempo contemporâneo, o do relógio, tempo que tem tempo e não se pode perder.

Migrar para o passado, tendo a ciência arqueológica como meio de investigação, inicia-se pela indagação, ou seja, com a dúvida do presente para com o passado, por um espelho que reflete, por vezes, quem mesmo pergunta, sendo que a possível resposta pode até mesmo ser aquela ‘sonhada ou imaginada’ expectativa do ser humano que pesquisa, ‘escava’ e explica sobre as questões da vida social e cultural.

Os indícios arqueológicos são vestigiais e de difícil interpretação. Quando são encontradas perguntas são elaboradas: Que é? Por que é? E como é?. Esses questionamentos não fogem a outras dúvidas de cunho filosófico como, de onde viemos? Quem realmente somos? Depois que deixarmos esta vida terrena, a do viver presente, para onde iremos?. Há quem entenda e responda prontamente a estas indagações, mas no mundo da ciência, as possíveis ‘verdades’ sempre são postas à prova, e de certa forma olhando por outro prisma a um conforto em pensar que sempre

haverá novas possibilidades de interpretação e entre tantos e possíveis significados que o ser humano atribui o nosso percurso histórico.

As técnicas e as pesquisas em arqueologia objetivam compreender os fatos sociais que cristalizaram no tempo e no espaço, seja pelo dado material em pedra, barro, ossos entre outros como os restos orgânicos, utilizados ou em desuso, e também pelo dado imaterial, como formas escritas, desenhadas ou gravadas já extintas, apresentando, dessa forma, as dimensões da capacidade humana cognitiva, artesanal e também espiritual.

Deve-se observar as potencialidades humanas recuperadas e conservadas pelos meios científicos da arqueologia com respeito e valor pois, cada momento, ato ou criação humana, teve sua própria lógica temporal e cultural, dado que, cada agrupamento ou comunidade social do passado desenvolveu-se e adaptou-se nos mais variados ambientes, apropriando-se dos recursos naturais em seu entorno, com o objetivo de ter para si os meios para sua sobrevivência e para manifestar suas esperanças e expandir sua sensibilidade.

O ser investigado pela a arqueologia é entendido através de uma palavra ou terminologia muito usual nos meios científicos o “homo sapiens sapiens”, para designar o homem que, por fim, evoluiu biologicamente entre outras espécies de hominídeos, o homem que sabe que sabe, e que hoje, em verdade, sabemos que muito pouco sabemos. Sugere-se, frente ao esforço da compreensão humana de imaginar a si mesmo, através da arqueologia, o de pensar, por um outro ângulo, o ser humano como um homo spiritus, ou seja, um homem espiritual.

Assim, o ‘ser humano espiritual’ do passado mais longínquo ou do passado mais recente, sempre esteve em desafio constante, e este, continua ainda recorrente ao homem moderno. O dilema de conviver, por exemplo, com um ‘outro’, igual ou diferente, em ambientes difíceis ou muito severos, e ainda com o interesse em desenvolver uma produção solidária e conjunta, criou com certeza, o sentimento de pertencimento a uma viagem planetária, em um universo de possibilidades infinitas, de condições e espaços múltiplos em direção a descoberta de um dom herdado pela espécie humana, o de querer pensar e refletir sobre a sua própria criação, como um ser solidário, dependente de sua sociedade e de senso crítico.

A arqueologia (cuja origem etimológica vem de arqueo, antigo e lógos, estudo) é uma ciência social que estuda o comportamento das sociedades humanas do passado, através de objetos móveis (como artefatos de arremesso, pontas de flechas e boleadeiras) ou imóveis (como antigas estruturas ou ‘ruínas’ de igrejas e cemitérios, por exemplo).

Nas palavras de Cristiana Barreto (1999-2000), a arqueologia feita no Brasil é essencialmente, uma arqueologia de sociedades indígenas extintas que viveram em um passado distante, deixando como testemunha de sua existência somente restos materiais. Há 500 anos que estes restos materiais têm sido encontrados, estudados e interpretados para a construção de um passado pré-colonial brasileiro.

O pensar da arqueologia de modo geral conforme o que descreve o arqueólogo Pedro Paulo Funari, divide-se entre processos e técnicas de escavações ou prospecções (survey em inglês) levantamentos do terreno na busca de informações sobre a ação humana. Para o registro da pesquisa arqueológica, os estudos que se complementam e se dão através de fontes documentais sobre ocupações antigas, testemunhos orais, dados museológicos, fotografias e cartografias, por um lado e os dados primários da própria arqueologia por outro, ou seja, os testemunhos ou achados, os vestígios ou traços.

Para o desenvolvimento do trabalho arqueológico, há necessidade de que se conciliem três fatores essenciais à pesquisa científica: o tempo (a cronologia para o estudo); os recursos humanos (equipe interdisciplinar de profissionais de diversas áreas como paleontólogos, geólogos, geógrafos, arquitetos, historiadores, entre outros como, aprendizes, voluntários e até mesmo operários contratados) e recursos financeiros (meios privados ou de fomento à pesquisa estadual ou federal). Há ainda dentre os recursos materiais do projeto a utilização de instrumentos que variam entre os objetivos e as áreas em estudo como: colher-de-pedreiro, pincéis, pás, picaretas, baldes, peneiras, cordas, fitas métricas, papel para anotações e desenhos e câmaras fotográficas ou filmadoras.

Definidas as bases da aplicação metodológica para a aplicação da pesquisa, pressupõe-se, na sequência, a compreensão e a interpretação do sub-solo, ou o estrato arqueológico. Por ‘estrato’ se define as camadas de um terreno, a fundação da estrutura de um prédio, ou até mesmo o que resultou deste mesmo prédio; a distribuição de artefatos ou fragmentos destes; estruturas de combustão como fogueiras entre tantas

outras formas de ações humanas que ficaram marcadas e conservadas na unidade básica (determinação espacial) do registro arqueológico.

Cabe destacar que o registro arqueológico do contexto sócio-cultural segue, muitas vezes, a uma inclinação subjetiva. Ao se proceder a uma leitura ou comunicação sobre o que encobre e o que é ‘descoberto’ não a como se negar o esforço empreendido de imaginação científica, para que se construa não somente o cenário, mas também os personagens e seus movimentos e dessa forma, a quem se refira que ‘a arqueologia, não escava coisas e sim pessoas’.

Dentre vários autores, destaco a obra de Bruce G. Trigger que nos legou um estudo sobre a ‘história do pensamento arqueológico’, sendo que esta não pode ser entendida fora do seu contexto histórico e social. Segundo Funari várias são as teorias que se desenvolveram e ainda continuam sendo aplicadas atualmente. Os desdobramentos são: o modelo histórico-cultural; a arqueologia processual; a arqueologia contextual ou arqueologia pós-processual.

Diferentemente das outras ciências sociais no Brasil, na visão de Cristiana Barreto, a arqueologia “surgiu dentro das universidades, não através de projetos intelectuais específicos, mas a partir de campanhas preservacionistas, promovidas por alguns poucos intelectuais indignados com a destruição acelerada dos sítios arqueológicos e a falta de profissionais especializados para resgatá-los.”

A arqueologia pré-colonial brasileira apresenta forte identidade iniciada pela formação da primeira geração de arqueólogos acadêmicos brasileiros através pesquisadores estrangeiros; pela entrada da arqueologia nas universidades e programas de pesquisa, tais como o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - Pronapa (década de 70) que proporcionaram a criação de diversos centros de pesquisa e ensino de arqueologia no país.

André Prous (1991) afirma que o período arcaico no interior vem nos mostrar uma pré-história em nosso país (Brasil), pouco difundida entre as classes estudantis, seja ela em qualquer nível. As culturas desse período são conhecidas, principalmente, pelo material lítico e pela característica dos nichos ecológicos, sendo que várias dessas culturas foram contemporâneas. Já a cultura não material é algo que pode ser estudada através dos sepultamentos e da arte rupestre. As condições naturais holocênicas no interior do continente brasileiro, representa o fim do pleistoceno e início do holoceno,

onde é caracterizado por uma oscilação climática, sendo que essas mudanças vinham a interferir nas diversas formas de adaptação do homem ao meio ambiente, ou seja, essas interferências estavam ligadas, principalmente, a alimentação, pois foi a partir daí que alguns grupos passaram a consumir um número maior de vegetais e até mesmo de moluscos, levando, por exemplo, numa possível domesticação de plantas.

AS TRADIÇÕES ARQUEOLÓGICAS O REGISTRO DE SÍTIOS PRÉ-COLONIAIS EM ALEGRETE/RGS

As grandes tradições líticas do interior do brasileiro são mais difundidas no sul do país, isto segundo André Prous (1991). As indústrias meridionais o PRONAPA propôs a nomear as indústrias líticas em duas: Umbu e Humaitá, sendo que existem várias manifestações culturais que envolvem todo o contexto no interior arcaico. As primeiras pontas de projétil no Brasil, partindo do geral para o específico, o norte do continente americano é característico as pontas de projétil com acaneladura. No Brasil, esse material não tem publicado nenhum achado, mas é mencionado em alguns trabalhos.

TRADIÇÃO UMBU

“É caracterizada pela presença de pontas de projétil e de uma indústria lítica com lascas retocadas. O retoque é, freqüentemente, feito com cuidado, podendo ocupar toda a superfície de uma ou de ambas as faces da lasca. Os portadores desta indústria parecem ter ocupado as regiões menos arborizadas, realizando raras incursões nas encostas do planalto, chegaram até o litoral em pelo menos dois pontos. Tardamente, parece que se espalharam por vários vales, influenciando no Rio Grande do Sul portadores da outra tradição (Humaitá), que adotaram as pontas de flecha”. (PROUS, 1991, p. 149).

Essa tradição procurava abrigar-se nos terraços do planalto meridional e também aproveitavam alguns abrigos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. As escavações que renderam uma melhor explanação sobre a vida dos nativos brasileiros foi feita no sitio Cerrito Dalpiaz, com as escavações de Eurico Miller, pois permitiram estabelecer uma ordem cronológica e de materiais arqueológicos que estabeleceram uma melhor precisão sobre a tradição Umbu. A diferença da tradição Umbu para a

Humaitá, esta eminente na indústria lítica, uma vez que a tradição Umbu da uma importância bem maior a rochas mais frágeis (quartzo, sílex, calcadônia, ágata). A tradição Umbu também se destacava na indústria óssea com a produção de diversos artefatos.

PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM ÁREAS ARENIZADAS

As experiências metodológicas e teóricas arqueológicas pré-coloniais desenvolvidas em Alegrete, em áreas em processo de arenização na região do Passo Novo, afluenta Lajeado Grande, onde foram encontradas mais de 3.000 mil peças arqueológicas em superfície, resultantes de sociedades do período pré-cabralino e pesquisadas entre 1996 a 2006.

Durante dez anos de intensas pesquisas, o contexto dos areais desta região foram monitoradas pela perspectiva arqueológica. Foi observado que a configuração da superfície dos areais modificou-se muito no período mencionado, sempre em constante mudança e apresentando a cada vistoria novos indícios de materiais arqueológicos móveis ‘descobertos’ em sua superfície.

Perguntas começaram a ser formuladas: teria esse assentamento pré-colonial, às margens do Arroio Lajeado Grande, ter se dado quando o areal já havia se formado ou foi antes deste evento natural iniciar? Por quanto tempo e em que período estes grupos humanos ocuparam o local? Quando este areal teve início? Duvida esta última que, a geologia e geomorfologia ainda buscam por respostas.

Sobre o assentamento humano, as hipóteses teóricas tiveram por mediação abordagens ecológicas e questões sociais e culturais implicadas, como a generalização/dedução de que as sociedades de forma geral, procuram sempre maximizar os meios para sua sobrevivência e minimizar o esforço para a obtenção destes meios. O contexto dos ‘sítios arqueológicos areais’ em questão, as margens do arroio e com ‘colinas’ na sua volta, muito contribuiu para a constatação da motivação humana de uma escolha específica em assentar-se em um ambiente natural estratégico.

A proposta metodológica desse estudo dividiu-se no tempo e de acordo com a realidade da possibilidade de pesquisa científica no Brasil, entre várias etapas, através da formação de uma equipe de campo e laboratório, apoio logístico através das instituições militares como o 12º BE Comb e recursos financeiros de fomento à

pesquisa no Rio Grande do Sul como a FAPERGS. Em 1997 foi realizada uma grande campanha de campo, cujo resultado foi a divisão de áreas em grandes quadrados de 5 x 5 metros, para o controle da coleta dos materiais arqueológicos em sacos de papel, com etiquetas informativas sobre as áreas e os materiais. Neste período inicial, nos foi informado que muitas pessoas já haviam transitado na área e coletado artefatos. De outra forma e ainda preservado dois fatos importantes foram levantados nestes locais, o achado de vários fragmentos de cerâmica (indicativo de contatos sociais) e de uma estrutura de fogueira (indicativo da cocção de alimentos). Nos demais quatro anos que se seguiram a área foi revisitada por nossa equipe e novas coletas foram realizadas.

Já em 2002, nova pesquisa de campo em nível amplo foi desenvolvida com o mesmo procedimento metodológico do ano de 1997, com a divisão por grandes áreas e coleta superficial. Segundo informação pessoal, pelo Prof. Dr. Arno Alvarez Kern da PUCRS, mesmo que o contexto de uma área não apresente camada arqueológica como a estratigrafia – divisão de camadas de solo, há a possibilidade do trabalho científico ser orientado à verificação analítica da tecnologia dos materiais arqueológicos encontrados, levando a perceber níveis técnicos do desenvolvimento humano.

Dessa forma, novas pesquisas pontuais foram realizadas nos anos seguintes até 2006. Atualmente e sob a guarda do Núcleo de Ensino e Pesquisas Arqueológicas - NEPA do Museu de Arqueologia e Artes: Dr. José Pinto Bicca de Medeiros – MAARA do Campus de Alegrete/URCAMP, os materiais arqueológicos resgatados, passaram pela limpeza e cadastro e continuam sendo compreendidos e analisados em laboratório pela classificação e informatização dos materiais em fichas de atributos, para uma posterior informação estatística, cultural e arqueológica das formas e gestos tecnológicos.

RESUMO DE REGISTROS DO CADASTRO NACIONAL DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS-CNSA-DO MUNICÍPIO DE ALEGRETE/RIO GRANDE DO SUL

1.RS-I-01: Fazenda Santa Rita A

Altura máxima: 197 m – área: 50 m² - Campo

Área privada – Unicomponencial - Pré Colonial

Superficial - céu aberto

Material: lítico Lascado e Lítico Polido (Tradição Umbú)

Registro e Coleta Superficial

Responsável: Taís Vargas Lima e Claudio Carle

Data: 18.11.1996

2. RS-I-02: Fazenda Santa Rita – B

Altura máxima: 64 m - área 400m² - Campo

Área privada – Unicomponencial - Pré Colonial

Superficial - céu aberto

Material: lítico Lascado e Lítico Polido (Tradição Umbú)

Fator de destruição: erosão eólica

Registro e Coleta Superficial

Responsável: Taís Vargas Lima e Claudio Carle

Data: 18.11.1996

3. RS-I-03: Fazenda Santa Rita – C

Campo

Área privada – Unicomponencial - Pré Colonial

Superficial - céu aberto

Material: lítico Lascado e Lítico Polido (Tradição Umbú)

Fator de destruição: erosão eólica

Registro e Coleta Superficial

Responsável: Taís Vargas Lima e Claudio Carle

Data: 18.11.1996

4. RS-I-04: Fazenda Santa Rita – D

Altura máxima: 64m²

Área privada – Unicomponencial - Pré Colonial

Superficial - céu aberto

Material: lítico Lascado e Lítico Polido (Tradição Umbú)

Fator de destruição: erosão eólica

Registro e Coleta Superficial

Responsável: Taís Vargas Lima e Claudio Carle

Data: 18.11.1996

5. RS-I-05: Rancho Guajuvira

Altura Máxima: 40m – área: 50000m²

Área privada – Unicomponencial - Pré Colonial

Superficial - céu aberto

Material: lítico Lascado e Lítico Polido (Tradição Umbú)

Fator de destruição: erosão eólica

Registro e Coleta Superficial

Responsável: Taís Vargas Lima e Claudio Carle

Data: 18.11.1996

6. RS I 12 - Arroio Jararaca

Descrição sumária do sítio: Sítio lítico superficial, revolvido por maquinário agrícola para fins de cultivo. Aparecem vestígios esparsos ao da margem do arroio Jararaca.

Sítios relacionados: RS I 09 - Zona Urbana (Alegrete/RS)

Comprimento: 1000m - Largura: 1000m - Altura máxima: 5m

Área: 1000000m² - Medição Estimada – Planície - Planície de Inundação

Água mais próxima: Arroio Jararaca - Distância: 180m

Rio: Ibirapuitã - Bacia: Ibicuí

Savana: Cerrado – Uso atual: Plantio

Área privada – Unicomponencial - Pré Colonial

Tipos de sítio: Oficina lítica – Forma: Irregular – Solo: Arenoso

Superficial - céu aberto

Estrutura: de lascamento – Artefatos: Lítico Lascado

Tradições e Fases: Umbú

Fator de Destruição: Construção de Estrada e Atividades Agrícolas

Medidas para preservação: Salvamento Arqueológico – Relevância do Sítio: médio

Atividades: Registro

Responsável: Taís Vargas Lima, Marinês Kerber e Ricardo Faccin

Data do Registro: 11/07/2001

Nome do projeto: Projeto de Pesquisa Arqueológica e Salvamento na RS-377 Contorno Leste de Alegrete e Trecho São Francisco de Assis-Manoel Viana-Jóia-Santiago.

Documentação Produzida: mapa com sítio plotado.

7. RS I 15 - Édson dos Anjos

Outras designações e siglas: RS - 377 - Contorno Alegrete - km 0+650

Descrição do sítio: Afloramento rochoso (arenito silicificado) onde foram reconhecidos superficialmente uma grande quantidade de lascas unipolares e núcleos.

Sítios relacionados: RS I 01,02,03,04,05,06,07,08 e 09

Comprimento: 50m - Largura: 40m - Área: 2000m² - Planície

Compartimento topográfico: Topo

Água mais próxima: Sanga afluente Arroio Jararaca - Distância: 20m

Rio: Arroio Jararaca - Bacia: Ibicuí

Uso Atual: Via pública – Propriedade da Terra: Área pública e privada

Unicomponencial - Pré Colonial

Tipo de sítio: Oficina lítica – Não delimitada

Em superfície – céu aberto

Estrutura: de Lascamento – Artefatos: líticos Lascado – outros vestígios líticos:lascas unipolares e núcleos

Tradição: Umbú

Grau de integridade: mais de 75% - Fator de Destruição: Construção de estrada

Medidas: Salvamento arqueológico – Relevância do sítio: alta

Registro e Coleta de Superfície

Responsáveis: Taís Lima e Fabiano Alves

Data do Registro: 06/11/2002

Nome do projeto: Programa de Acompanhamento e Salvamento Arqueológico na RS-377, Contorno Leste de Alegrete, Manoel Viana- São Francisco de Assis-Santiago, RS

Documentação produzida: Mapa com sítio plotado, 24 fotos coloridas e 2 cadernetas de campo.

8. RS-I-44: Lajeado Grande 1

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta de superfície

Possível data de Registro: 31.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

9. RS-I-45: Lajeado Grande 2

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta de superfície

Possível data de Registro: 31.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

10. RS-I-46: Lajeado Grande 3

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta de superfície

Possível data de Registro: 31.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

11. RS-I-47: Lajeado Grande 4

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta de superfície

Possível data de Registro: 31.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

12. RS-I-48: Lajeado Grande 5

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta de superfície

Possível data de Registro: 31.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

13. RS-I-49: Lajeado Grande 6

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta de superfície

Possível data de Registro: 31.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

14. RS-I-50: Lageado dos Fósseis

Unidade: Planície - Compartimento topográfico: Base

Água mais próxima: Rio Ibicuí - Rio: Ibicuí - Bacia: Ibicuí

Unicomponencial - Pré Colonial - Tipo de sítio: superficial

Em superfície – céu aberto

Artefatos: lítico lascado – outros vestígios: lítico bruto - Tradição: Ibicuí

Datações Absolutas: 17850 +ou- 190B.P., 15900 B.C; 17830 +ou- 230B.P, 15880 B.C.

Registro e Coleta de Superfície

Responsável: Eurico Theófilo Miller

Data do Registro: 10/06/1975

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

15. RS-I-51: Passo do Itaum 1

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e coleta de superfície

Possível data de Registro: 31.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

16. RS-I-52: Passo do Itaum 2

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e coleta de superfície

Possível data de Registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

17. RS-I-53: Passo do Itaum 3

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e coleta de superfície

Possível data de Registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

18. RS-I-54: Passo do Itaum 4

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e coleta de superfície

Possível data de Registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

19. RS-I-55: Passo do Itaum 5

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e coleta de superfície

Possível data de Registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

19. RS-I-56: Arroio do Caiboaté 1

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Unicomponencial – Pré-colonial – Tipo de Sítio: superficial

Artefatos: Cerâmico - Tradições: Vieira - Fases: Ibirapuitã

Registro e Coleta superficial

Possível registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

20. RS-I-57: Passo do Itaum 6

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta Superficial

Possível registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

21. RS-I-58: Caverá

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta Superficial

Possível registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

22. RS-I-59: Palma

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta Superficial

Possível registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

23. RS-I-61: Salatiel 1

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta Superficial

Possível registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

24. RS-I-62: Salatiel 2

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta Superficial

Possível registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

25. RS-I-63: Salatiel 3

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta Superficial

Possível registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

26. RS-I-64: Salatiel 4

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta Superficial

Possível registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

27. RS-I-65: Manoel Viana

Unidade: Depressão Central - Compartimento topográfico: Coxilha

Bacia: Ibicuí

Registro e Coleta Superficial

Possível registro: 30.12.1998

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

28. RS-I-82: Sanga da Areia

Altura máxima: 94m - Área: 8000m² - Medição: Estimada

Unidade: Campo – Vegetação: gramínea – Uso atual: Pasto – Propriedade: Área privada

Unicomponencial – Pré-colonial

Em superfície – Céu aberto

Fator de destruição: Erosão eólica

Registro e coleta superficial

Responsável: Eurico Theófilo Müller

Data do Registro: 27/06/1974

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

29. RS-I-83: Jacaguá

Descrição sumária do sítio: O sítio faz parte de um imenso areal originado pela erosão eólica.

Altura máxima: 70m - Área: 5000m² - Medição: Estimada

Unidade: Campo - Água mais próxima: Rio Ibicuí - Rio: Ibicuí

Vegetação atual: Gramínea – Uso atual: Pasto – Propriedade: Área privada

Unicomponencial – Pré-Colonial

Em superfície – Céu aberto

Artefatos: Cerâmico - Fator de Destruição: Erosão Eólica

Registro e Coleta de superfície

Responsável: Eurico Theófilo Müller

Data do Registro: 27/06/1974

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

30. RS-I-84: Bela Vista (Fase Itaqui)

Descrição do sítio: situa-se num areal de origem eólica ocupando parte de uma várzea e parte das coxilhas.

Altura máxima: 120m - Área: 1000m² - Medição: Estimada

Unidade: Campo

Vegetação atual: Gramínea – Uso atual: Pasto – Propriedade: Área privada

Unicomponencial – Pré-Colonial

Em superfície – Céu aberto

Artefatos: Cerâmico - Fator de Destruição: Erosão Eólica

Registro e Coleta de superfície

Responsável: Eurico Theófilo Müller

Data do Registro: 27/06/1974

Bibliografia

Catálogo dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul). Taquara, Marsul, s.d.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela arqueologia, tentamos conhecer o passado e explicar o cotidiano de sociedades ou até mesmo de indivíduos da pré-história. O que se busca saber, de forma indireta para esta compreensão sobre o que os humanos legaram, são os produtos ou que restou da sua cultura material.

O meio ambiente sempre criou diversidades aos seres humanos e estes desde sempre estiveram em constante atenção criando, transformando ou até mesmo reutilizando, diversos utensílios e implementos aproveitando matérias-primas encontradas na própria natureza.

A arqueologia, trabalha com questões de identidade social e é pelo estudo da cultura que se produz o sentido de reconhecer os muitos momentos de mudanças e transformações pelas quais diversas sociedades passaram.

Ainda sobre os elementos da cultura material este pode refletir o modo de pensar e os valores de cada sociedade em particular expressp também na diversidade de formas de produtos materiais encontrados em muitos sítios arqueológicos.

Portanto, no total somam trinta sítios arqueológicos encontrados no município de Alegrete. Há ainda muitas informações para serem apuradas, assim como pesquisas a serem desenvolvidas de forma sistematizadas e dados com novos aportes técnicos e

teóricos a serem estabelecidos para os sítios arqueológicos, através, por exemplo, como as datações.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Cristiana. A Construção de um Passado Pré-Colonial: Uma Breve História da Arqueologia Brasileira. **REVISTA USP**, São Paulo, n.44, p. 32-51, dezembro/fevereiro. 1999-2000

FUNARI, Pedro Paulo (Org.). **Pré-História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

HODDER, Ian. **Archaeological Therical Today**. USA: Cambrige, 2012.

KERN, Ano Alvarez. **Antecedentes Indígenas**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS. 1994.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1991.

TRIGGER, Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora. 2ª Ed. 2004